

Revisitando a benzedura

Recensão do livro *A ciência da benzedura : mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise*, de Alberto M. Quintana.

(Bauru : Edusc, 1999.)

O livro em questão é resultado de uma tese de doutorado. O autor realiza a pesquisa junto a benzedoras em Santa Maria, RS. Descreve e discute a prática da benzedura através de observação participante, tentando entender o universo e a lógica da mesma. Verifica os efeitos da benzedura que permitem reconhecer as leis que determinam o passado das pessoas, a fim de ressignificá-lo, modificando o presente. Num segundo momento confronta a pesquisa com a teoria antropológica e psicanalítica, buscando uma nova reflexão sobre estas últimas.

Quintana realiza sua pesquisa junto a benzedoras. Trata-se, pois, de uma pesquisa social participante. Irá integrar-se no mundo das benzeduras, estando junto a essas. Refletindo à luz da psicanálise e da antropologia, passa a fazer parte do processo de benzimento. Em alguns casos, recebe da benzedora a tarefa de tomar nota do nome de pessoas, atuando no benzimento em si. É integrado, portanto, no processo sem permanecer corpo estranho nesse mundo. A partir disso desenvolve sua tese.

No primeiro capítulo, Quintana dedica-se a perceber a relação entre a medicina oficial e o religioso. A doença e a cura estão relacionadas com o universo simbólico e religioso. Percebe que não há uma diferença tão grande assim entre ambas. Apesar de a medicina, com o positivismo, ter querido desvencilhar-se do religioso, não o consegue. Dentro dos hospitais, o lugar do científico, há capelas, santos, crucifixos, etc...

O que está em questão na doença e na cura é o sentido da vida. Tanto a medicina quanto o religioso querem vencer, no fundo, a morte. Querem controlar a impotência do ser humano frente à doença e à própria morte. Querem, dessa maneira, dar sentido à vida. É isto que está em jogo na doença. A primeira pergunta que o ser humano faz diante da doença é: "O que está me acontecendo?" Depois vem a pergunta: "Por que eu?"

A doença sempre parece incompreensível e ininterpretável pelo ser humano. E ela irrompe na vida do ser humano, interrompendo a ordem existente. Toda cura será entendida como uma reordenação da vida e do universo simbólico. Enquanto a medicina oficial tenta tornar a cura uma mera técnica, o religioso, e aqui está em questão a benzedura, o aspecto mágico-religioso, tenta restabelecer uma ordem no mundo simbólico da pessoa.

O ser humano como ser social necessita de uma cura que leve em conta esse aspecto. O ser humano, seu corpo demonstram o social. As mãos de uma pessoa demonstram qual a sua classe social. A doença irrompe no meio da vida, no cotidiano. Ela irá interferir em rotinas e tarefas habituais. E irá interferir no universo simbólico da pessoa. E esse universo sempre será social. Será o universo do grupo em que vive. O símbolo não é uma questão do indivíduo. Necessita de uma convenção social que o homologue.

A benzedura, o mágico-religioso irá trabalhar justamente os aspectos citados acima, pois ocupa o espaço sagrado. Toda terapêutica está ligada a esse aspecto. A terapêutica, qualquer que seja, tenta restabelecer a ordem na vida da pessoa dentro de seu contexto

social. O processo mágico-religioso, o rito, é uma forma de dominar o caos que se abateu sobre alguém. Quer reduzir a impotência do ser humano frente à doença e à morte. Em si, quer dar sentido à vida. O sagrado é justamente o que não se enquadra nos códigos disponíveis com os quais interpretamos a realidade. E pode justamente abrir uma brecha onde o ser humano perde o controle. É necessário dar sentido à doença para que haja cura, para que o medicamento faça efeito no doente. O religioso, o rito na benzedura traz uma integração a um contexto significativo e transforma o perigoso em nominável, algo possível de ser modificado. A benzedura, segundo Quintana, é uma encenação através da qual se vincula uma linguagem que produz sentido. E a benzeadeira é justamente a intermediária com esse sagrado para obter a cura.

No segundo capítulo, Quintana lembra que tudo o que fazemos é social. Sermos gordos ou magros, atléticos ou acomodados, a maneira como nos vestimos... dessa mesma forma, o nosso corpo também fala. Olhando para as mãos, podemos perceber a atividade da pessoa e sua classe social. A doença também sempre será social. Ela afetará o corpo de acordo com a situação social. Um proletário ou um pequeno comerciante dificilmente terão enxaquecas. A doença irrompe em meio a uma ordem, interrompendo tarefas habituais. Ela precisa de uma explicação para que possa ser curada ou, pelo menos, suportada. Há, para o ser humano, a necessidade de nominar a doença e controlá-la. A benzeadeira irá sempre tratar a doença dentro desse contexto. A benzeadeira necessitará também do aval de seu grupo social, ou seja, das pessoas que a procuram. Quanto mais prestígio tiver, maior será sua eficácia frente a seus clientes.

Há uma diferença entre as benzeadeiras do interior e as da cidade. Enquanto as primeiras estão integradas em seu contexto social, normalmente são religiosas e empenhadas na paróquia de que participam, as benzeadeiras da cidade vivem outra situação. Não estão ligadas a grupos de oração e visitação a pessoas. Não têm vínculos com nenhuma instituição.

O processo ritual da benzedura consiste, basicamente, em três pontos: diálogo, bênção e prescrições. Há, também, diferentes tipos de benzeduras: o benzimento com pena de galinha preta, a costura, imposição de mãos, benzedura com galhos verdes, benzedura com brasas...

No terceiro capítulo, Quintana passa a descrever o processo da benzedura e a maneira de viver da benzeadeira. Normalmente, a benzeadeira é uma pessoa de mais idade. Alcança reputação com a idade. Mora em uma casa simples. Alguém lhe ajuda no atendimento aos clientes, distribuindo fichas numeradas a serem entregues por ordem de chegada. Atende na cozinha de sua casa, perto de um fogão a lenha, sempre aceso. Há também uma capela na casa e cadeira para o cliente sentar-se.

Como se dá a formação de uma benzeadeira? Muitas vezes elas são analfabetas. Seu conhecimento não se dá em modos de aprendizagem. Normalmente é atribuído a uma experiência mística. É comum o caso de a benzeadeira, ou o benzedor, ter sido uma pessoa doente e ter-se curado graças a uma visão ou experiência com o sagrado. Isso lhe dará acesso às forças sagradas. Como o dom veio de graça, assim também deve ser usado. É comum não se cobrar por seus serviços. Apenas são aceitas doações. Outra característica é a benzeadeira estar ligada a um sacrifício pessoal: um filho doente, alguém paraplégico, alguma pessoa da qual deve cuidar. Isto dá à benzeadeira um certo ar de bondade que interferirá com o sagrado. Como anjos ou Deus poderiam negar as orações de alguém tão abnegada assim?

Quintana ressalta também que não é a benzedeira quem cura alguma doença. Ela apenas é mediadora com o sagrado. O ato é atribuído a anjos ou a Deus. Isto está expresso na constante expressão “graças a Deus”. Sua tarefa consiste em duas coisas: 1) influenciar as forças sagradas em favor de outra pessoa e 2) realizar a prece com o objetivo de influenciar tanto as forças sagradas como o próprio beneficiário.

Onde reside a eficácia da benzedeira? O indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nem traz no código genético, como os animais, um pré-conhecimento que lhe permite viver, se alimentar e defender-se na natureza. No princípio o ser humano assume o mundo de seus pais; é a chamada socialização primária. Só mais tarde a pessoa percebe uma variedade de mundos diferentes e também de interpretações destes, o que torna a socialização primária obsoleta. Com a benzedeira, entretanto, dá-se um processo de socialização primária. A pessoa entra no mundo da benzedeira e confere-lhe poder, como se este mundo fosse a verdade última, o único mundo possível. Com sua explicação sobre a causa da doença, dá sentido ao que está sem sentido, restabelecendo novamente uma ordem na vida do cliente.

No mundo da benzedura a causa do problema, da doença geralmente é atribuída a dois fatores: o mau olhado ou um bode expiatório, ou seja, um vizinho (que normalmente mora na casa à esquerda do cliente). A benzedura, de igual forma, apropria-se de símbolos e linguagem: tesoura em forma de cruz, o número 3, a Trindade, a cruz, as fichas semelhantes às do consultório médico, explicações científicas, etc...

Quanto ao resultado positivo ou não da benzedura dá-se algo interessante. Enquanto o médico torna-se dono do saber, o senhor da vida e da morte, uma falha sua cria descrédito para ele. Ao mesmo tempo, a benzedura e sua eficácia são atribuídas à ação divina. Alguma falha será da não-interferência de Deus na doença ou da falta de fé do cliente. A eficácia da benzedeira está, portanto, no prestígio e autoridade social que o próprio cliente lhe outorga. Quanto maior o afluxo de pessoas aos seus préstimos, maior sua eficácia.

O quarto e último capítulo é conclusivo. Traz os possíveis encontros e desencontros entre a benzedura e a psicanálise e medicina oficial.

O procedimento terapêutico das benzedeadas é uma forma de construção narrativa do universo simbólico do cliente. Percebem-se com isso semelhanças com o modelo terapêutico científico. Pensa-se em equivalentes invertidos. Enquanto na técnica xamanística, das benzedeadas, segundo Lévi-Strauss, o esquema de terapia estaria em: inocula-se um mito, este mito é coletivo, o xamã é quem fala e dá sentido ao universo do cliente e este escuta, dá-se o equivalente invertido na técnica psicanalítica. Nesta última, em tese o psicanalista extrai o mito do cliente, o mito é individual, é o psicanalista quem escuta e o paciente quem fala. Quintana questiona se isso é realmente assim, se o psicanalista realmente escuta e não incute um mito extra-sujeito no cliente. Além disso, a psicanálise é característica da sociedade ocidental e de um determinado grupo sociocultural.

Lévi-Strauss, novamente citado, percebe mais uma semelhança entre as duas técnicas. Ambas trazem à consciência o que estava inconsciente. E o fazem através da narrativa, das representações verbais. Coloca-se em palavras o que não poderia ser antes representado ou pensado. Neste processo o conflito encaminha-se para o seu desenlace. Na psicanálise isso chama-se ab-reação e, embora abandonado por Freud, encontra-se presente até em seus últimos escritos.

No estudo com as benzedeadas o autor pôde perceber que, para a cura, não basta uma explicação qualquer para o conflito. É necessário, sim, uma totalidade coerente e não apenas um conhecimento intelectual. É necessário um sentido que venha ao encontro do universo simbólico do doente. Não se trata de achar a causa do problema, mas articulá-lo dentro do sistema. Desta forma o doente integra essa sua narrativa num mito. Isto resultaria na superação do sofrimento. É o mito que permite produzir palavras, permitindo mais que uma ressignificação de seu problema, permite uma cura. O que fazem exatamente as benzedeadas? Pelo lugar privilegiado que ocupam, o lugar do sujeito do suposto poder, ficam autorizadas a articular os fatos do cotidiano ao universo mítico, do qual são detentoras. Tanto benzedeadas quanto psicanalistas fazem isso: fazer o enlace entre o mito e a situação ininterpretável do cliente.

Em ambas as abordagens, psicanalítica e xamanística, há inoculação de um mito. A inversão, também aí, está em que na psicanálise o mito é individual. A história do doente é encaixada no mito de Édipo, mais individual. Enquanto isso, a benzedeadas inclui a história do cliente em um mito social, o seu mito. Teoricamente o psicanalista teria uma posição de neutralidade frente ao cliente, o que para Quintana não é consenso. Este último lembra um fantasma para Freud que é justamente a ausência de uma neutralidade total do psicanalista diante do cliente. Freud citaria o poder da sugestão que seria utilizado pelo psicanalista para tornar visível o que está inconsciente.

Por fim, Quintana questiona a postura da psicanálise em tentar se perpetuar e demonstra que a psicanálise tenta provar que ela produz benefícios que terapêuticas populares não conseguem alcançar. Na verdade, ambas as terapêuticas colocam-se diante do cliente como sujeitos do suposto saber. Porém caberia à terapêutica oficial não assumir o papel de dogma, de detentora de uma verdade única nem fazer de mestres os donos da verdade. O importante é uma terapêutica que dê o sentido que o cliente necessite para sua vida e para a ordem de seu mundo.

Ezequiel R. Schacht

Recensão do livro *Theology of the Old Testament : Testimony, Dispute, Advocacy*, de Walter Brueggemann.

(Minneapolis : Fortress, 1997. 777 p.)

Este volume de peso, escrito com a retórica engajada e muitas vezes compelidora de Walter Brueggemann, constitui um marco no campo. Menciono apenas três características salientes: o autor está plenamente consciente das mudanças ocorridas nas condições mundiais e do envolvimento contextual dos/das intérpretes atuais nesse cenário pluralista, pós-moderno. Teologias hegemônicas da Bíblia, especialmente do tipo ocidental, branco e machista não são mais viáveis nem toleráveis. E: o mundo centrado em Javé é inteiramente antagonico ao "consumismo militar" de nossa própria era (cf. p. 718-720; 741). Essas percepções revolucionárias levam, em segundo lugar, a uma ampla perspectiva ecumênica